TEOLOGIA E LITERATURA

Teologia e literatura, dois olhares sobre o mundo, a existência e o absoluto. A forma como eles captam e interpretam a realidade os torna estrangeiro um ao outro, ou é possível estabelecer entre ambos uma relação de mútua fecundação? Em que a literatura contribui para que o teólogo “dê as razões de sua esperança”, e como, por sua vez, a teologia se torna fonte de criação poética e literária?

À primeira vista, vigora entre esses dois campos do saber e do sentido uma divergência que pode levar à ruptura. De fato, o que existe de comum entre o esforço analítico, hermenêutico e sistemático da conceituação teológica e a criatividade inventiva da imaginação literária? Essa divergência não é apenas teórica, pois foi cristalizando-se ao longo da história. A fonte da teologia, a Bíblia, não conhece essa disjunção. Seu corpus se constitui por obras de vários gêneros literários: poemas elegíacos e hinos, epopeia, crônicas históricas, fábulas ou relatos míticos, meditações sapienciais, oráculos proféticos, textos legislativos etc. Todos recorrem à imaginação, ao símbolo e à metáfora para dar conta da inscrição do sentido e do absoluto na história. Tampouco teólogos de vulto como santo Efrém, o Sírio, santo Agostinho, são Gregório de Nissa e tantos outros romperam com a imaginação e a poesia para pensar o mistério. O mesmo vale de místicos como Dionísio, o Pseudo-Areopagita, são Bernardo, santa Hildegarda de Bingen, Mestre Eckart, santa Teresa de Jesus, são João da Cruz etc. Semelhantemente acontece em obras literárias como a Divina Comédia, de Dante Alighieri, sem dúvida o texto que mais influenciou a formação do imaginário cristão sobre o além no Ocidente, ao veicular, com recursos literários, conteúdos teológicos do mundo futuro na perspectiva cristã.

O divórcio entre imaginação e conceitualidade, embora já presente em filósofos gregos – Platão, por exemplo, na República, exclui os poetas da pólis –, consumou-se efetivamente com a separação, estabelecida pelo

pensamento moderno, entre os distintos campos do saber, cada um com seu objeto e método próprios de estudo; e com a oposição, criada pelo processo de secularização, entre a cultura laica e a religiosa. As igrejas cristãs, e com elas a teologia, perderam progressivamente o poder que tinham até então na sociedade, na política e na cultura.

Esse duplo movimento – autonomia dos saberes e secularização –, explica as relações complexas estabelecidas entre teologia e literatura nos dois últimos séculos. Por um lado, surgiram os distintos tratados no corpus teológico, numa tentativa de acompanhar as novas orientações da razão moderna. Eles se caracterizavam por um esforço de sistematização e conceituação. Tinham dificuldades, porém, para acolher certos recursos das novas ciências, sobretudo os da imaginação literária. Mesmo assim, teólogos importantes buscaram, com as “Vidas de Jesus”, dar novo significado à figura central da fé cristã, com as mediações literárias da época. Por outro lado, consolidaram-se nesse período as literaturas nacionais, em parte tributárias do imaginário bíblico, ainda presente e importante culturalmente nos diferentes países ocidentais. É o caso, entre outras, de obras como Esaú e Jacó, de Machado de Assis, José e seus irmãos, de Thomas Mann. A literatura viu surgir ainda, sobretudo na primeira metade do séc. XX, escritores de grande notoriedade e declaradamente cristãos, como Charles Péguy, Paul Claudel, Georges Bernanos, Graham Greene, Alceu de Amoroso Lima, entre outros, cujas obras trabalhavam temáticas oriundas da experiência e da teologia cristãs.

Apesar de nesse período alguns teólogos recorrerem a procedimentos literários, e de vários literatos se deixarem inspirar por temáticas teológicas, não se pode dizer que se tenham deixado fecundar mutuamente. A teologia, que nos interessa propriamente aqui, permaneceu, em grande parte, imune ao “contágio” da literatura. Isso começou a mudar com Henri Brémond e sua Histoire littéraire du sentiment religieux en France depuis la fin des guerres de religion jusqu’à nos jours, que mostrou o interesse dos magnos textos cristãos na compreensão da cultura francesa. Sob sua influência, após a Segunda Guerra Mundial, Charles Moeller, na monumental História do século XX e cristianismo, e André Blanchet, na obra La littérature et le spirituel, resgataram, do ponto de vista da crítica literária, aspectos teológicos importantes da literatura, inclusive em obras de escritores declaradamente ateus.

Com Romano Guardini, a teologia deu passo avante, ao buscar, na “biblioteca da humanidade”, as “interpretações da existência humana”. Outro esforço considerável, iniciado nos anos sessenta, coube a Hans Urs von Balthasar, com a primeira parte da trilogia, dedicada à estética teológica, da qual faz parte a leitura de alguns relevantes clássicos da literatura. No final dessa mesma década, em 1969, Marie-Dominique Chenu escreveu texto importante sobre a literatura como “lugar” da teologia. Nesse mesmo

período, a filosofia redescobriu, com Heidegger, o poder da imaginação, valorizando a linguagem originária da revelação do sentido do ser; com Ricoeur, os símbolos, a metáfora e a narração; e com a linguística moderna e o estruturalismo, o texto. Renasceu então em vários meios e países interesse pelos textos enquanto tais, bem como pela linguagem simbólica e metafórica, e a tomada de consciência da importância da narrativa na tradição nascida da Bíblia.

Esta sensibilidade, junto aos desenvolvimentos da narratologia, esteve na origem da “apologia da narração”, proposta por Johann Baptist Metz, em 1973, que levou à elaboração de diversos ensaios de teologia narrativa, como os de Edward Schillebeeckx e Eberhard Jüngel, no mundo europeu, e à exegese narrativa, no mundo norte-americano. Em alguns países, surgiram tentativas de reescrituras dos textos bíblicos, criados com interesse pastoral ou visando à qualidade literária que oferecesse nova plausibilidade e significado à fé na cultura contemporânea. Em outros, buscou-se valorizar a narratividade presente na cultura popular e oral. Não poucos teólogos exploraram a biografia como gênero literário propício para narrar a própria experiência e itinerário teológicos. Nas últimas décadas, na Alemanha, Karl-Josef Kuschel empreendeu obra teórica de teologia da literatura. Nela mostra a fecundidade das experiências religiosas para a criação de obras de arte e o modo como elas entram em relação com a fé cristã. Na França, Jean-Pierre Jossua propôs uma teologia literária, enquanto nos EUA surgiram também vários intentos desta mesma teologia, dando origem a revistas acadêmicas importantes. Na América Latina, em 2005, criou-se a Associação Latino-Americana de Teologia e Literatura – ALALITE –, com o objetivo de estabelecer o diálogo entre essas duas áreas. No Brasil, teólogos como Antonio Manzatto, Antonio Carlos de Melo Magalhães, Carlos Caldas, Maria Clara Bingemer, entre outros, têm buscado pensar teologicamente a partir de textos importantes da literatura nacional.

Essas evoluções no seio da teologia e seu interesse pela literatura não significam que todas as possibilidades do encontro e da mútua fecundação já se tenham dado. Cabe ao teólogo descobrir as distintas maneiras de captar o mundo, a existência e o divino que se descortinam diante dele em tantas obras da “biblioteca da humanidade”. Dentre essas obras, muitas se escreveram sob a inspiração do imaginário bíblico e de categorias da teologia cristã. Algo igualmente a ser valorizado. Tal vale das redescobertas recentes do poder de “redescrição” do real, conferido pela linguagem simbólica e metafórica, e pelos recursos da narração e da poesia. A escritura teológica beneficia-se de tal fecundação. Urge-lhe falar ao coração de nossos contemporâneos. No entanto, reduzem-se as relações entre teologia e literatura somente a isso? Não haveria outras possibilidades a explorar e outros caminhos a trilhar para que estivesse à escuta uma da outra em um enriquecimento mútuo? Que significa para a teologia fazer da literatura um de seus “lugares” teológicos?

A teologia é inteligência daquilo que se crê. Remete-nos, em última instância, a experiência vital: a fé, objeto de esforço de compreensão: a conceitualidade. Que significaria para ela ter como interlocutor a literatura, esforço de dicção do sentido através dos distintos recursos da linguagem? Talvez, mais que inventar novos caminhos, haja que redescobrir os já percorridos. Entre eles se destacam o da forma e o do conteúdo, próprios da identidade mesma da literatura.

A forma diz respeito às distintas maneiras de se dizer o ser, próprias à linguagem e exploradas tanto pela metáfora e pelo símbolo, coração da imaginação poética, quanto pelos vários tipos de intriga, coração da imaginação narrativa. Nesse aspecto, teologia preocupada com clareza e rigor conceituais tem dificuldade diante da polivalência semântica da linguagem poética e da criatividade imaginativa da linguagem narrativa. A teologia não se confunde com poesia nem disputa maior plausibilidade diante de possíveis buscadores de sentido. Nem pretende estetizar a experiência religiosa, mimetizando-a nos registros do jogo e do sentimento. Cabe-lhe reabilitar a imagem, produtora de ídolos e suspeita de evasão do mundo, mas também doadora do ícone, apelo radical a crer.

Se adotar a escritura literária como mediação, a teologia deve obedecer a algumas regras. Impõe-se-lhe, primeiro, necessário rigor no domínio da língua, no uso dos recursos de seu vocabulário e das variadas possibilidades da metáfora. Tem igualmente que manter clara a distinção entre os vários gêneros literários possíveis: ensaio, tratado, autobiografia, diário, poesia. Nas últimas décadas, vários teólogos exploraram alguns desses gêneros, como a autobiografia, o diário, sem contar as inúmeras tentativas de teologia e exegese narrativa. Já a poesia, rica em sentido, não se restringe somente aos grandes místicos e teólogos do passado. Há ainda hoje autores que recorrem a ela para exprimir com mais beleza aquilo em que creem e que os faz viver.

O conteúdo diz respeito ao “mundo” ou à “coisa” do texto, como respectivamente afirmaram Ricoeur e Gadamer, ou seja, à experiência de sentido veiculada pela obra literária. Com efeito, todo texto revela uma visão do mundo, uma apreensão do ser humano, com buscas, contradições, conflitos, esperanças e realizações, e uma experiência do absoluto. O “mundo” ou a “coisa” do texto bíblico, por exemplo, originou a escritura espiritual, confessante, dogmática e conceitual das igrejas cristãs, constituindo, como ensina a Dei Verbum, a fonte da teologia. De fato, a partir do “referente último” desse mundo, a saber, Deus em sua nomeação polifônica e Cristo em sua referência ao Reino de Deus, formularam-se os distintos conteúdos da fé cristã. A renovação das Sagradas Escrituras, por obra das novas leituras exegéticas, nas últimas décadas, mostra o excesso de sentido que lhes é inerente. Ainda há muito por ser descoberto para quem delas se aproxima e se deixa interpelar por seu poder de revelação. Os ensaios de

teologia narrativa, surgidos nesse mesmo período, mostram igualmente o poder de provocação, de significação e de transformação dos textos fundadores do cristianismo. A redescoberta, feita pela literatura, da ideia de “mundo” ou de “coisa” do texto, fecunda tanto a exegese como a teologia, dando-lhes novo sentido e pertinência em cada época e lugar e diante de cada leitor e ouvinte.

O “mundo” ou a “coisa” do texto bíblico inspirou e inspira ainda a imaginação e a criação literária de muitos poetas, místicos e romancistas, ao compor um reservatório de conteúdos que dizem o humano, sua ação, paixão, busca de sentido e salvação, bem como seu mundo e o sentido do absoluto. A teologia tem-se colocado à escuta desse tipo de literatura que bebeu na fonte de sua escritura primordial e fundadora. Ela aprende dos escritos de autores cristãos que fizeram obra literária, pois eles exprimem de modo livre e inventivo os temas e símbolos da fé e não se preocupam em ir ao encontro de uma ortodoxia. Essa liberdade e inventividade dão-lhe novas categorias para redizer, nas categorias de seus leitores e ouvintes, as razões da esperança cristã, oferecendo a seu discurso mais significação e maior pertinência.

A literatura explora, enfim, outros “mundos” e “coisas” que os dos textos bíblicos ou os dos textos inspirados por eles. Com efeito, existem escritores não religiosos ou com outros referenciais que os do imaginário cristão. O mundo globalizado faz circular cada vez mais literaturas de horizontes culturais pouco familiares aos ocidentais. Por outro lado, no contexto pós-moderno, crescem também literaturas que reinvestem o mítico e o maravilhoso, como Harry Potter e O senhor dos anéis, ou literaturas que exploram os diferentes elementos dos “mundos” ou “coisas” dos textos das distintas tradições religiosas, num verdadeiro sincretismo da religião “à la carte”. É possível fazer teologia em diálogo com esses distintos tipos de interlocutores? Como?

Tal tipo de diálogo provoca a teologia, seja porque lhe falta solo comum, já que seus interlocutores não são necessariamente religiosos ou pertencem a outra experiência cultural e espiritual, seja porque retornam ao mítico ou misturam tudo de forma que conduzem à perda da identidade. Nos dois casos a relação é distinta. No primeiro, capta-se a chance de nova linguagem para a fé. Para isso, há que se evitar a atitude apologética, que busca atrair para si os literatos, mostrando a lógica que os aproxima da fé cristã ou condenando-os. Importa escutá-los em suas obras, interrogando-se sobre as possibilidades que elas abrem para a experiência crente. Do terreno da experiência emerge o que é comum e o que provoca ruptura. Nem toda experiência se orienta por um absoluto, nem todo absoluto se expressa numa religião. Tampouco toda experiência crente se origina da Bíblia. Ao reconhecer as coisas pelo que são e as pessoas pelo que querem ser, uma comunicação se torna possível e evita-se recuperar os artistas apesar de

suas denegações. No segundo caso, do retorno ao mito e dos sincretismos, exige-se discernimento teológico afinado. A primeira atitude não pode ser a da simples condenação, nem tampouco a da ingenuidade. A descoberta do que move esses intentos revela que eles são a expressão de autêntica busca de sentido, que, posta em evidência, torna-se promessa de um enriquecimento para a inteligência da fé. Certamente nem tudo é assimilável nessas experiências pela teologia cristã, cuja dimensão crítica se exercita não só internamente, mas também com relação às distintas apreensões do mundo, da existência e do absoluto com as quais se encontra e dialoga.

Os dois caminhos nos quais a teologia encontra a literatura e deixa-se fecundar por ela, o da forma e o do conteúdo, são uma promessa e uma tarefa para a fé cristã no contexto pluralista no qual se encontra. Promessa, porque ela adquire novo sentido e nova pertinência; tarefa, porque, para que isso aconteça, é necessário que ela descubra com quem dialoga, o poder da imaginação que cria o novo num mundo que tende a esgotar no instante o sentido do velho que passou.